TL4582

CNRT

Timor-Leste

CNRT-FALINTIL

Mensagem de Fim-de-Ano

Companheiros da Luta! Compatriotas de Timor-Leste!

Vamos iniciar um Novo Ano na luta pela libertação da nossa Pátria, Timor-Leste. Há 23 anos que o nosso Povo empenhou a sua energia, a sua indomita coragem e determinação e a sua própria vida pelo ideal sagrado da independência nacional.

Foi por este prolongadíssimo sofrimento e o profundo patriotismo no nosso Povo que mantiveram a chama da resistência contra a vergonhosa invasão indonésia e a criminosa ocupação militar de Timor-Leste.

Desde o início da guerra de invasão, nós sabiamos que enfrentavamos um inimigo poderoso, o regime ditador/colonialista de Suharto. Contudo, esse conhecimento da desigualdade entre nós e o invasor indonésio nunca nos fez vergar um só momento que fosse, para continuarmos a lutar pelo nosso direito inalienável à auto-determinação e independência nacional.

Muito generais indonésios passaram à reforma, muitos outros foram sendo promovidos à custa do sangue do nosso Povo, àcusta dos crimes cometidos em Timor-Leste.

Passamos anos duríssimos, enfrentamos períodos muitos difíceis. A dor e as lágrimas, a morte e os sofrimentos serviram apenas para cimentar a nossa determinação na luta e a nossa fé na vitoria.

1998 foi marcado por uma transformação radical na vida socio-política na Indonésia, com repercussão no nosso próprio processo. Toda a Indonésia foi agitada por um movimento social extraordinário, abalando os alicerces do repressivo e corrupto da *Orde Baru*!

Em Timor-Leste, repetiu-se a sensação de que chegara o momento das grandes esperanças. A euforia das atitudes levava alguns de volta a 24 anos atrás, esquecendo-se das condições conjunturais de 1998. As nossas preocupações receberam a sua real dimensão, não só pelas lembranças que se acumularam nas nossas mentes como pela visão do futuro que nos espera. Um misto de receios e optimismos apoderou-se de nós e adverte-nos de todas as possibilidades que poderão tornar o nosso processo menos desejável para todos.

E quanto mais nos detemos a analizar profundamente o tecido social timorense, mais somos levamos a considerar que devemos evitar infantilismos políticos desastrosos.

Durante 24 anos, todos reivindicavamos o direito de Timor-Leste na auto-determinação e independência nacional. Muitas estratégias se traçaram, muitas ideias se desenvolveram, desde o regresso puro e simples de Portugal ao plano de paz do CNRM e a uma dita 3ª via, nunca concebida na realidade.

A aceitação do plano de paz do CNRM (acusada pela 3ª via de "autonomia integrada") não foi precedida de um estudo profundo dos pontos que constituiam o plano de paz. Hoje aparecem dúvidas sobre a aceitação da proposta da autonomia. Hoje faz-se mais caso com os prazos do que se analisa e se entende o nosso processo.

Fomos bruscamente sacudidos pela convulsão dos acontecimentos na Indonésia e imediatamente nos colocamos fora da Indonésia, isolando-nos dos condicionalismos políticos do regime que continua sem mudar os princípios básicos da *Orde Baru*.

Não se tenta compreender, não se tenta descobrir, não se tenta analisar todos os aspectos que se relacionam com os esforços e a intenção de solucionar o problema. Muitos só pensam no *referendum*, alguns até exigem imediata independência. Como se nenhum outros quisessemos a independência, como se os demais não advogassemos o *referendum* a via mais justa de solução.

Como se todos andavamos a lutar contra o Suharto (que nos teria podido beneficiar com a corrupção) para nos vergarmos ao Habibie, que faz face a uma grave crise económica que lançou mais de 90 milhões de indonésios na miséria e provocou o despedimento de mais de duas dezenas de milhões de trabalhadores.

Depois de 23 anos de guerra de libertação nacional, é de lamentar que as pessoas ainda não se prestem ao trabalho de pensar, de analisar para conhecer profundamente o nosso processo.

Há quem não concorde que se diga que 'é necessario educar-se políticamente o nosso Povo', afirmando que o nosso Povo esta políticamente preparado e a prova é que resistiu durante 23 anos. Essas pessoas confundem alhos com bugalhos, confundem o patriotismo com consciência política.

Há quem se preocupe já com o poder, se preocupe já com o seu partido e deseje assegurar já as condições políticas para o seu partido. Porque só vêem o partido, não estão capazes de ver os interesses da Pátria, os interesses do nosso Povo! Às vezes, pronuncia-se a palavra 'interesses' como sinónimo de 'anseio pela independência'. Não se consegue perceber para além disto, não se consegue descobrir a dimensão do termo "interesses da Nação".

Outros aparecem agora como protagonistas de 'ideias realistas' para encobrir a vergonha de não terem feito nada depois de receberem muito dinheiro do Suharto para dificultar o processo de libertação da Pátria. Estas pessoas tiram hoje conclusões (extra)ordinárias de que nós afinal estamos apenas a dar-lhes razão, quando nunca provaram possuir razão nenhuma, a reconhecerem a invasão e ao fazerem uma viragem de 360º das suas revolucionaríssimas ideologias de 1974!

Hoje, o oportunismo encapa-se no protagonismo político paupérrimo. A Mbak Tutut deve estar a ter vergonha de ter tidos amigos tão avidos de dinheiro, dispostos a fazer grandes discursos de vassalagem ao regime do Suharto e do Habibie.

Enfim, o momento está a ser utilizado para trazermos à tona a contínua imaturidade política de muitos, os chamados políticos timorenses, quando todos deveríamos pensar mais profundamente nas nossas responsabilidades para pôr termo aos sofrimentos do nosso Povo.

Pôr termo aos sofrimentos do nosso Povo e não prolongar esses sofrimentos. Muitas vezes, não estudamos o sentido das palavras, não conhecemos a semântica das expressões. Decoramos as frases, os slogans e as palavras de ordem e enunciamo-los sem nos compenetrarmos da profundidade que eles encerram.

Queridos Companheiros da Luta!

Contudo, deve-se dizer que, o que acontece na nossa Pátria tem a sua explicação. O nosso Povo está a perder a paciência, o nosso Povo perdeu a confiança.

O nosso Povo perdeu a confiança na ONU, o nosso Povo chegou à conclusão de que as resoluções da ONU já não têm valor, o nosso Povo tem a impressão de que a ONU só está a fazer a vontade de Jakarta. O nosso Povo sente-se obrigado a pensar que, para se libertar, o melhor caminho é elevarmos o nível da confrontação em Timor-Leste.

O nosso Povo está farto das mentiras de Jakarta, o nosso Povo sente que o melhor caminho é tirar vantagem dos problemas socio-políticos e económicos que a Indonésia atravessa.

O nosso Povo sabe que o regime do Suharto/Habibie não quer reconhecer que cometeu um crime ao invadir e anexar Timor-Leste e não demonstra vontade política na busca da solução. O nosso Povo já não suporta mais a contínua má fé de Jakarta, porque sabe que toda a disposição a um diálogo franco, sério e construtivo foi sempre rejeitado pelo regime colonialista.

A atitude do nosso Povo é apenas uma reacção legítima ao contínuo desrespeito da Indonésia ao direito internacional, aos princípios universais e as resoluções da ONU. A atitude do nosso Povo demonstra apenas que a queda de Suharto não significou nada para Timor-Leste e que, afinal das contas 'as moscas (nem) mudaram e a merda (da *Orde Baru*) continua'.

A atitude do nosso Povo também é em si mesma, um acto de desapontamento para com a comunidade internacional. Os países campeões da democracia e dos direitos humanos estão apáticos em relação ao processo democrático na Indonésia e ao problema de Timor-Leste.

Muitos países ajudaram o repressivo regime do Suharto, alimentando a corrupção que levou a Indonésia à bancarrota. Hoje, esses países quase não mexem um dedo em favor do movimento pela democracia e estão, pelo contrário, a olhar as perspectivas de novos investimentos numa Indonésia economicamente escancarada.

Estes países que ajudaram a afundar o povo indonésio na miséria, estão a salvar as boas relações com o governo de Habibie, na corrida aos lucros que a Indonésia promete, como país em bancarrota. Os valores da democracia, de justiça e direitos humanos permanecem um assunto interno indonésio, agora em luta com um regime que advoga a evolução na continuidade.

E esta política interesseira da comunidade internacional tem também um impacto no problema de Timor-Leste. A comunidade internacional não se sente responsável do destino de 200 milhões de indonésios, nem debaixo do Suharto nem do Habibie. E nem podemos falar de 700.000 timorenses, pois é um número pequeno demais para ter valor em considerações sobre direito e justiça.

O povo indonésio está totalmente obcecado em julgar Suharto e a sua clique de generais e ministros e esqueceu-se de que a comunidade internacional tem a sua quota de responsabilidade na manutenção de um regime repressivo e dos mais corruptos do mundo. Enquanto a comunidade internacional continuar a olhar para a Indonésia e para o seu povo como zona de grandes lucros e compradores do seu mercado, a situação na Indonésia pode levar a maiores convulsões políticas e sociais. Mas se esta é a nossa preocupação, não o é para a comunidade internacional.

O mesmo sucede com o problema de Timor-Leste!

Nós conhecemos o quanto Portugal tem feito até hoje, em defesa do nosso direito á auto-determinação e independência nacional. Também conhecemos os esforços da ONU e o cometimento do seu Secretário-Geral e o empenhamento do Embaixador Jamsheed Marker e da sua equipa.

Mas também estamos conscientes da capacidade de Portugal e da ONU na solução. A limitação da capacidade da ONU deve-se ao total desrespeito que Jakarta vem demonstrando por aquela Organização Mundial. E deve-se à indiferença da comunidade internacional em fazer maior pressão sobre a Indonésia.

Nós apreciamos e agradecemos profundamente a atitude política do Congresso e do Governo Americanos, quando recentemente emitiram a lei reconhecendo ao Povo de Timor-Leste o direito à auto-determinação. Também apreciamos e agradecemos a União Europeia ter aprovado também uma resolução advogando o *referendum*. Mas a realidade está a provar que isto não chega, que deve haver maior pressão sobre Jakarta, não só em relação a um processo mais transparente e promissor de reformas políticas como em relação à busca de uma solução justa e duradoura para Timor-Leste.

Companheiros da Luta!

Solução justa e duradoura! Nenhuma solução é inteiramente justa se não é duradoura, nem solução alguma pode ser duradoura se não é justa. Justa e duradoura são 2 binómios do processo de solução que todos queremos buscar para Timor-Leste!

Já muitas, talvez centenas, talvez milhares de vezes, gritámos por uma solução justa e duradoura! De tanto o utilizarmos, o termo ficou despido do sentido que merecia.

À luz do direito internacional, solução justa só se alcança com a realização do referendo! Sem referendo, não haverá solução justa! Mas isto não chega! Para que a solução seja duradoura, devemos preocupar-nos, devemos prestar a devida atenção a muitos aspectos sociais e políticos no seio da sociedade timorense. Problemas actuais com reflexo para o futuro. Problemas que se não forem bem analisados e ponderados, podem criar a instabilidade política, o desassossego dos espíritos e um clima de conflitos sociais.

Nós sabemos que o nosso Povo começa a ficar impaciente e começam a surgir grupos radicais que escolherão a confrontação para sacudir a situação de impasse, provocada pela arrogância colonialista do regime Suharto/Habibie.

Nós já declaramos que não vamos tomar vantagem da convulsão política e social decorrente (e a decorrer) na Indonésia. Quando fazemos isto, queremos expressar o nosso respeito e a nossa solidariedade a luta do povo indonésio pela democracia e pela justiça, espezinhadas pelo regime da *Orde Baru* durante 32 anos!

Muita gente prevê maior instabilidade e violência na Indonésia durante 1999. Como Comandante das Falintil, eu reconheco que não temos capacidade militar para escorraçar a soldadesca ocupante da nossa Pátria. Mas eu sei que somos capazes de criar uma maior e intensa instabilidade em todo o território, criando uma situação mais difícil ainda para Jakarta. E a nossa palavra de ordem seria 'Pátria ou Morte!'. E não haveria mais compromissos.

Talvez eu seja cobarde ao não optar por esta via. Ou talvez eu esteja apenas à espera que a minha paciência acabe, face à intransigência dos generais indonésios, face à obstinação dos políticos e diplomatas indonésios.

Devo dizer que o CNRT considerou, em primeiro lugar, a sua responsabilidade em não provocar mais vítimas na população timorense, no nosso Povo. Em segundo lugar, que o CNRT acredita que o dialogo é o melhor caminho para se encontrar, por mecanismos internacionais, a solução (justa e duradoura!). Em terceiro lugar, que o CNRT não deseja uma independência que venha a ser causa de conflito entre os próprios timorenses e entre Timor-Leste e a Indonésia.

Há quem sugira que devamos estar preparados para proclamar a independência, desde que a situação na Indonésia se torne incontrolável. Eu não aceito a ideia, não porque não queira a

independência. Eu não aceito a ideia, porque tenho a minha noção sobre independência. Eu não desejaria uma independência aos sobressaltos, uma independência que nos irá conduzir a violencia entre irmãos. Todos compreendemos que a independência é um meio e não um fim em si! A independência deve garantir a todos os filhos de Timor-Leste, sem excepção, paz e tranquilidade, harmonia e seguranca, para que todos se impulsionem com o ardor da reconstrução e desenvolvimento nacional. A independência deve garantir as melhores relações de cooperação com a grande vizinha que é a Indonésia.

A independência não será um acto de fecharmos as portas ao mundo. A independência é apenas a capacidade que possuimos para gerir o nosso próprio destino. Gerir, para alguns políticos é governar, é ter o poder nas mãos. Gerir é o acto que todo o Povo realiza na participação integral dos destinos da Nação.

A nossa luta pela libertação nacional deu-nos tempo mais do que suficiente para estudarmos a história dos Movimentos de Libertação em todo o Mundo.

Muitos países independentes ainda não provaram que compreenderam o verdadeiro sentido do 'direito de gerir o próprio destino', estando os governantes destes países a braços com problemas socio-políticos graves e problemas económicos de muita lastima. A independência, nesses países, não trouxe a paz nem a concórdia entre os seus cidadãos, a independência, nestes países, não serviu para melhorar as condições da vida da população.

A própria Indonésia reflecte esta política do 3º mundo. Atrás dos belos edificios da grande Jakarta metropolitana, está escondida a pobreza e a miséria. 50 anos depois da independência, os conflitos sociais são quase insolúveis e com a dívida externa de 4 milhões de rupias para cada cidadão indonésio e com mais de 90 milhões de indonésios vivendo em condições de miséria.

Mas sobretudo, devemos evitar o ardor da independência que surge sempre depois de uma guerra de Libertação. Se não é um partido que reclama ter dirigido toda a luta, são as pessoas que qualificam como heróis, como os que trabalharam muito, os que sofreram mais, os que, portanto, merecem compensações.

A independência é vista/ansiada para se colocar os heróis na vanguarda do governo. A independência serviria para mostrar quem lutou e quem não lutou, a independência seria para as pessoas começarem a sonhar para si mesmas, para o seu grupo, para o seu partido. A independência ganha assim uma nova percepção: disputa de oportunidades!

Eu sei que a Convenção Nacional em Peniche trouxe amarguras em muitas mentes timorenses e a composição do CNRT em Timor decepcionou as esperanças de muitos políticos e heróis. Ainda nem estamos independentes, já estamos a pensar quem vai ser ministro e quem não deve ser ministro. Antes mesmo de sermos independentes, estamos já a alistar-nos para o livro de honra dos heróis, dos que fizeram tudo, dos que sofreram mais. E esquecemo-nos de que o verdadeiro heroi é o nosso Povo e os guerrilheiros que estão no mato!

A independência já está a perder o seu carácter, a independência já esconde as ambições pessoais e de grupos. Era normal no 3º mundo, que os 'heróis' do Movimento de Libertação deveriam ser os 'heróis' da independência. Um erro fatal na maior parte dos casos. E é deste erro que os timorenses deveriam tirar ilações.

Todos deveríamos compreeder que a Libertação da Pátria é apenas a metade do objectivo da independência. Porque, depois da independência, a Libertação do Povo constitui a outra metade do objectivo da independência.

Mas uma independência só pode permitir-nos desenvolver as nossas iniciativas e a nossa capacidade criadora, se todos os timorenses se asseguram a si mesmos e a cada um que Timor-Leste é de todos e que, em Timor-Leste, todos poderemos viver em harmonia e em paz.

Para que a solução justa que alcançarmos venha a ser uma solução duradoura!

É neste sentido, que eu quero aclarar que se o CNRT aceitou a ideia da autonomia, não é porque não tenhamos ainda infra-estruturas nem recursos humanos que nos garantam a capacidade de reconstruir a Nação.

Nos primeiros 3 anos da invasão, o nosso Povo mostrou extraordinário ânimo na sua própria mobilização para fazer face à guerra que os assassinos generais do Suharto estavam a desencadear sobre nós. E eu acredito que, comendo mandiocas nos primeiros cinco anos, nós os timorenses venderemos arroz a Indonésia no ano seguinte!

Mas o problema não é tão simples como parece! Se, na Conferência Nacional de Março de 1981 definimos a Unidade Nacional como um objectivo primordial da nossa luta, se em 1986, vimos surgir a Convergência Nacionalista, se o CNRM apareceu em 1987 para abrir maiores perspectivas a Reconciliação Nacional e se o CNRT conseguiu avancar qualitativamente neste processo de unir os timorenses, hoje a deparar que, na sociedade timorense, continuam a existir sentimentos que nos separam, que nos dividem e que causam conflitos entre nós.

São estas as feridas que devem ser curadas. É muito facil aos 'heróis' da independência pensarem que, amanhã, meteremos os integracionistas todos na prisão e pronto! Há paz!!! Será paz? Será isto que desejamos? Os que mataram devem ser mortos? Os que prenderam devem ser presos? Os que torturaram devem ser torturados? Os roubaram devem ser roubados? É facil, arruma-se tudo na prisão. Vamos todos coroarmo-nos da glória de grande heróis da Libertação Nacional!

E a historia do 3º mundo repetir-se-á: o líder da resistência, acaba por ser invariavelmente presidente, mesmo que não esteja a altura; os comandantes acabarão por ser generais e os políticos disputarão entre si para serem ministros! Só porque fomos heróis! Só porque trabalhamos muito, só porque sofremos mais que outros! Se isso vier acontecer, todo o sentido da nossa luta, todo o sentido dos sacrifícios do nosso Povo será ultrajado! Será traído!

Estes 23 anos de luta não terão servido pôr fim ao sangue, à violência! Porque o nosso desejo será vingar, será apelar à justiça! Estes 23 anos de sofrimento não chegaram para assumirmos outras atitudes políticas. Afinal, lutamos 23 anos sem tentar perceber política!

O CNRT aceitou a ideia da autonomia mais por considerações políticas, porque o CNRT deseja implementar a verdadeira Reconciliação Nacional e não reconciliações *à la* AIETD! E necessitamos de um determinado período de tempo para eliminarmos todos os sentimentos de ódio e vingança e criarmos a verdadeira concórdia, sob bases de respeito, sob bases da democracia.

E isto é dificil. Por isso, o CNRT rejeita a via fácil de solução e aceita o desafio do difícil! Porque o CNRT acredita que todos, políticos-veteranos ou iniciadores, não quererão sujar as mãos de novas violências em Timor-Leste, onde as vítimas serão os próprios timorenses!

É este o cometimento do CNRT, e o meu cometimento pessoal!

Num referendo, se a maioria desejar a integração, os que defendem a independência têm a liberdade de manter a sua ideia sem contudo o direito de provocar distúrbios por causa das suas ideias. Se no referendo, o povo escolher a independência, os integracionistas continuarão timorenses com direito de viver em Timor-Leste como qualquer outro timorense, estando apenas comprometidos a não provocar instabilidade ao processo de reconstrução e desenvolvimento da Pátria.

O CNRT não sonha com a independência, o CNRT vê a independência já diante dos olhos! Quer Habibie goste ou não, quer Wiranto se enfureça ou não, quer Alatas se afine ou não! A independência de Timor-Leste é uma questão irreversível!

Mas o CNRT não advoga uma independência em que os timorenses vivam em constante receio, em constante temor. Quando proclamarmos a independência, o Povo timorense cantará de verdadeiro jubilo com uma verdadeira confiança no futuro. Nenhum timorense será posto de lado, nenhum timorense se sentirá estranho ao processo.

Aceitamos a autonomia, com o envolvimento indonésio, não porque 'amamos' demais a Indonésia, não porque esperamos receber alguma compensação de Jakarta. A Indonésia tem a sua responsabilidade na solução. A Indonésia provocou a discórdia entre os timorenses, a Indonésia tem que ajudar os timorenses a reconciliar-se! Só assim, a Indonésia salvará a sua face! A Indonésia não pode deixar os timorenses a matarem-se só porque uma maioria quer a independência. Ao crime que cometeu ao invadir e anexar Timor-Leste, só juntara um outro, o de ter criado as discórdias e deixado os timorenses a viver em conflito.

À solução justa, deve-se juntar o outro aspecto: 'duradoura'. No período de autonomia, como transição para o Referendo, a Indonésia colaborará com os timorenses na criação de um clima de total harmonia, guiada pela tolerância e respeito mútuo. Se conseguirmos implementar isso, a Indonésia terá cumprido a sua responsabilidade na solução justa e duradoura para Timor-Leste. E uma solução justa e duradoura em Timor-Leste beneficiará as futuras relações de boa vizinhança, de cooperação e ajuda mútua entre duas Nações.

Se a Indonésia se dispuser a colaborar na criação dessa atmosfera política de verdadeira Reconciliação Nacional, eu acredito que o nosso Povo vai colocar uma pedra sobre tudo o que se passou nestes difíceis 23 anos! E Timor-Leste e a Indonésia abrirão um novo capítulo na história, com os olhos postos num futuro de paz na Região, como contribuição para a paz no Mundo!

Este é o cometimento do nosso Povo, porque o Povo timorense quer viver em uma verdadeira paz para a prosperidade dos seus filhos.

Companheiros da Luta!

Preocupemo-nos com os problemas que atravessamos e preocupemo-nos com os futuros problemas que virão se não resolvemos os actuais. Ao invés de nos pormos a discutir problemas de prazos, sejam eles um mês, 6 meses, 1 ano, 2, 3 anos ou 10 anos, preocupemo-nos a entender as questões que se nos colocam para decidirmos, porque o destino da Pátria deve ser a nossa preocupação principal.

Existe uma errada compreensão das coisas que levou a colocar o Povo de Timor-Leste em 2 campos: os que defendem autonomia e os que defendem *referendum*.

Os que defendem o *referendum* esquecem-se que o CNRT 'aceita' a autonomia, como periodo de transição, para o *referendum*.

O que eu posso garantir a todos é que se a Indonésia continuar arrogante e continuar teimosa a querer forçar-nos a uma autonomia como solução final, não haverá autonomia em Timor-Leste.

O que eu posso garantir é que antes que haja uma autonomia em Timor-Leste, o nosso Povo será esclarecido sobre a essência da autonomia e os seus representantes só assinarão se o acordo fôr do interesse do nosso Povo. Sem a concordância dos timorenses, não haverá autonomia. E a palavra de ordem será: "A luta continua em todas as frentes! Sem tréguas!"

Já disse numa mensagem anterior que tudo depende da atitude política do governo de Habibie, governo que até hoje dá a impresssão de ser a continuação do regime colonial-expansionista de Suharto!

Se o governo de Habibie não tiver a coragem política de reconhecer o erro do Suharto, Timor-Leste continuará um problema da ONU e quando perdermos totalmente a paciência, não nos preocuparemos com a face da Indonésia! A face da Indonésia está manchada do sangue do Povo indonésio e do sangue de mais de 200.000 timorenses!

E, se antes o regime de Suharto dizia que os ponteiros da história não voltam atrás, nós afirmamos com confiança de que os ponteiros da história estão demasiado avançados em relação a percepção histórica dos governantes indonésios, que tentam manter o vergonhoso 'status quo'!

Compaheiros da Luta!

É minha opinião pessoal de que Jakarta não está preparada para avançar construtivamente no processo de negociações em todo o ano de 1999. O Governo colonialista de Habibie não deseja buscar uma solução para Timor-Leste, à luz do direito internacional e até agora sempre mostrou a arrogância própria dos colonialistas de que o que fizeram foi legal e portanto, cabe a Portugal reconhecer a soberania Indonésia sobre Timor-Leste.

Eu tenho esta certeza: 1999 será mais um ano de impasse. E nós os timorenses teremos de esperar pelo novo governo realmente democrático.

Eu não apelaria a um aumento de tensões na nossa Pátria, nem apelaria a uma maior confrontação com as forças ocupacionistas. Talvez um dia tenhamos que decidir sobre isso, se mesmo depois das eleições, não tiver nada mudado na Indonésia e o prolongamento do regime da *Orde Baru* continuar a manter o status quo!

Mas não agora! Agora vamo-nos concentrar a dirigir os nossos esforços para conseguirmos:

a- o fim das hostilidades militares
b- um clima de maior tolerância política

E isto tem em vista evitar mais vítimas entre timorenses. Os ocupantes armam timorenses e mandam a eles matar os seus irmãos. Ao invés de rangermos de raiva, esforcemo-nos por pensar com certa ponderação política. Estamos a fazer o jogo do colonialista, estamos a dar argumento ao colonialista de que os timorenses estão ameaçados de uma nova guerra civil.

Não conseguimos ainda encontrar a forma de neutralizar políticamente esta velha táctica do inimigo, de dividir para reinar. Se fosse só o problema de dividir, o problema é de que divide e dá armas para matar os próprios irmãos.

Eu quero alertar a todos que, os que estão a incitar à confrontação fisica entre irmãos, estão a ajudar o inimigo a permanecer mais tempo em Timor-Leste. Consciente ou inconscientemente, os que provocam situações de conflitos entre timorenses, não desejam uma solução rápida do problema de Timor-Leste.

Vamos todos chamar para nós próprios a responsabilidade de criar um clima de tolerância política. Só um clima assim, poderá permitir-nos encontrar as oportunidades para começarmos a delinear ideias e planos e materializá-los.

Vamos todos tentar ser mais maduros políticamente, vamos todos evitar ser os politiqueiros de 74. Vamos tentar aprender dos nossos próprios erros, antes de olharmos para os erros de outros países. Vamos tentar ser nós mesmos, desenvolvidos na nossa política, desenvolvidos no conhecimento do nosso processo, desenvolvidos na análise objectiva da realidade.

Não nos tornemos fanfarrões, só porque trazemos algumas lembranças de uma vida no mato, nem nos tornemos heróis só porque podemos apresentar um certificado de 'longa experiência'. Não sejamos exigentes porque o 'mundo' não reconhece os nossos trabalhos ou os nossos sacrifícios, nem sejamos orgulhosos porque já podemos liderar ou representar grupos ou partidos.

Sejamos humildes na nossa luta, porque a luta não é de nenhum isoladamente. A luta sempre foi do nosso Povo! Não desviemos o sentido da nossa luta para ambições pessoais. Coloquemos sempre, em cima de tudo, os interesses do nosso Povo. É para defender os supremos interesses do nosso Povo, que enquanto Comandante das Falintil, não hesitarei, doa a quem doer, tomar as decisões que sirvam o nosso heróico Povo!

O ano de 1999 deve ser o ano de uma nova dinâmica política. O ano de 1999 deve ser o ano de renovação de atitudes e de maior cometimento para produzir algo mais positivo para a nossa Pátria.

Em vez de estarmos a espera pelo *referendum* ou pela autonomia, eduquemo-nos a pensar que é a nós, os timorenses, que cabe a pesada responsabilidade de resolvermos os nossos problemas e é a nós, os timorenses, que compete produzir planos a desenvolver ideias para encontrarmos os mecanismos que mais favorecem a materialização de algumas iniciativas.

O ano de 1999 deve ser o ano de combinação de esforços para nos prepararmos para os desafios do futuro!

Pátria ou Morte!
A luta continua em todas as frentes!
Resistir é vencer!

O Presidente do CNRT,

Assinado

Kay Rala Xanana Gusmão
Cmdt. das Falintil

Cipinang, 31 de Dezembro de 1998.-

Copyright © CNRT, 1998